



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Rosana Pereira de Freitas
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Orientalismo de vanguarda

Orientalismo, sentenciou Edward Said, é a “instituição autorizada” a lidar com o Oriente. Autorizada a descrevê-lo, ensiná-lo, colonizá-lo. Trata-se de um discurso, no sentido foucaultiano do termo, que desde fins do século XVIII, adquiriu tal força que todo aquele que se dedica ao tema estaria sujeito às constrições ao pensamento por ele impostas. A estadia de Mário Pedrosa no Japão é um fato conhecido, embora pouco explorado em sua biografia. No ano de 1957, Mário Pedrosa é contemplado com uma bolsa da Unesco – no âmbito de seus projetos de aproximação Oriente-Occidente – para investigar as relações entre a arte japonesa e a produção americana e européia. Em agosto do ano seguinte ele parte rumo ao Japão, onde reside por quase dez meses, retornando ao Brasil apenas em 1959. Embora constitua um fato digno de nota, ele até hoje foi pouco explorado pelos estudiosos brasileiros. Quando não foi simplesmente suprimida de sua biografia, sua vivência nipônica foi obliterada em favor de uma nota de interesse sobre a arte oriental ou o signo caligráfico, sempre no contexto do abstracionismo. Mário Pedrosa parece ter escapado à resistência teórica às tentativas de produzir um discurso globalizador sobre a história da arte inerente, por exemplo, ao pensamento de Tenshin (Kakuzo Okakura) o pioneiro autor do “livro do chá” – do qual possui um exemplar em sua biblioteca. Ao menos no Japão, a dar crédito à análise de Inaga Shigemi, que identifica tal tendência como “trauma de nascimento” do processo de institucionalização da história da arte como disciplina acadêmica, ela teria sido fortemente reprimida. Se no Brasil tal vertente pode ser identificada nos textos de Ricardo Joppert, nosso número de especialistas é tão reduzido que uma comparação do gênero perde toda a força. Talvez à exceção do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, a contribuição de nossos intelectuais de primeira ordem para os estudos de arte oriental e suas relações com a produção nacional e internacional segue parcamente estudada. A presente comunicação pretende contribuir para reduzir tal lacuna, ao revisitar o Mário Pedrosa “orientalista”.